

O TRABALHO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

WORK IN CONTEMPORARY WORLD

Vera Lúcia Graziano da Silva RODRIGUES*

Quando olhamos a sociedade hoje, fica claro que um dos grandes desafios é solucionar a questão do desemprego. Pobreza, violência, segurança, apenas para mencionarmos alguns dos problemas sociais mais sentidos pela população e mencionados nas propostas de políticos de qualquer partido, parecem estar relacionados com a falta de trabalho enfrentada por grande parte tanto dos jovens como adultos.

Para podermos discutir a questão do desemprego precisamos entender as alterações que têm acontecido naquilo que vem sendo chamado mundo do trabalho. Afinal, o desemprego é um reflexo destas transformações.

O MUNDO DO TRABALHO HOJE

Uma primeira mudança que chama atenção é que no capitalismo contemporâneo houve uma diminuição significativa da classe operária industrial tradicional. Ou seja, o grande avanço tecnológico teve como contrapartida uma diminuição do número de trabalhadores nas indústrias. Agora, um número reduzido de trabalhadores consegue uma produtividade muito maior graças a máquinas e instrumentos de trabalho cada vez mais sofisticados.

Em outras palavras, o avanço tecnológico possibilitou às indústrias continuarem a aumentar a

produção utilizando um número cada vez menor de trabalhadores. O operário de macacão, este grande representante da classe operária tradicional, foi o primeiro a sentir o desemprego na pele. A crise da indústria automobilística é um bom exemplo desta nova realidade onde o antigo trabalhador foi substituído por um grande número de robôs.¹

As novas formas de gestão do processo de trabalho também desempenharam um papel importante neste aumento de produtividade. A fábrica deixou em grande parte de ser o local de uma produção em massa, onde o trabalhador, controlado pelo cronômetro, executava permanentemente as mesmas funções para se tornar o espaço de um processo de trabalho mais flexível.

Se antes o processo de trabalho baseava-se na produção em série através da linha de montagem e produtos homogêneos; no trabalho parcelar, ou seja, na fragmentação das várias funções embasada numa divisão do trabalho rígida; pela separação entre execução e elaboração no processo de trabalho; nas grandes unidades fabris concentradas e verticalizadas, hoje esta realidade está bastante modificada. Em grande medida não encontramos mais aquele processo de trabalho e aquele trabalhador tão bem representados por Charles Chaplin e seu Carlitos em Tempos Modernos. Dizemos em grande medida porque não podemos afirmar que houve uma simples e total “substi-

^(*) Doutora em Sociologia. Professora Faculdade de Ciências Sociais. Centro de Ciências Humanas. Membro do Laboratório de Estudos Sociedade, Ética e Cidadania – LESEC. *E-mail*: fcs@puc-campinas.edu.br

⁽¹⁾ Ricardo Antunes e Márcio Pochmann são alguns dos autores que têm estudado profundamente estas alterações. É principalmente no primeiro que estamos nos baseando nesta primeira parte do artigo.

tuição” da antiga forma de organizar o trabalho pela nova. Além disto, muitas formas intermediárias surgiram entre os dois modelos.

De qualquer maneira, no geral, a gestão do processo de trabalho está hoje muito mais voltada para uma acumulação flexível, que pode ser caracterizada por uma menor rigidez, pelo aparecimento de novos setores de produção, pelo surgimento de novas formas de oferecimento de serviços financeiros, novos mercados e, principalmente, por uma intensa taxa de inovação tecnológica, comercial e organizacional. Nesta nova forma de gestão, a produção é variada, diversificada e voltada para a demanda, ou seja, para o consumo. É este quem decide o que será produzido e não ao contrário, como acontecia antes. Ao invés da produção em massa, o objetivo é um melhor aproveitamento possível da produção e a existência de um estoque mínimo. Com relação a este último aspecto, a inspiração é o funcionamento dos supermercados, que só repõe as mercadorias nas prateleiras à medida que vão sendo vendidas.

A flexibilidade atinge também o próprio trabalhador. Agora o operário não fica mais restrito a uma única máquina e a uma única operação, mas alterna funções e máquinas num trabalho de equipe. É neste sentido que o operário do século XXI se diferencia do nosso Carlitos acima mencionado, eternamente apertando parafusos.

Resumindo, a fábrica no capitalismo contemporâneo passou por mudanças importantes que permitiram uma redução significativa do contingente de operários tradicionais, que realizavam um grande número de tarefas manuais. “Para atender às exigências *mais individualizadas* de mercado, no melhor tempo e com melhor *qualidade*, é preciso que a produção se sustente num processo produtivo flexível” (Antunes, 1998: 26). Para tanto o trabalhador tem que possuir grande capacidade de adaptação e um certo grau de autonomia.

Pode-se dizer que de maneira geral houve até mesmo uma certa diminuição da separação entre elaboração e execução, entre quem planeja e quem realiza o processo de trabalho. Ao mesmo tempo que diminuiu o operário fabril tradicional desqualificado, que não tinha necessidade de conhecer o processo de produção para realizar suas tarefas, aumentou a necessidade do trabalho qualificado, intelectualizado.

Em outras palavras, a desqualificação do trabalhador, é agora acompanhada por um processo de qualificação de parte dos trabalhadores. Só a título de exemplo, o processo de trabalho inclui hoje técnicos de manutenção, programadores, controladores de qualidade, técnicos da divisão de pesquisa, engenheiros responsáveis pela gestão e coordenação técnica da produção, etc.

O que se pode afirmar com segurança é que a classe trabalhadora, ou melhor, a classe que vive do trabalho está se tornando cada vez mais complexa, heterogênea e fragmentada.

Além da diminuição do contingente de operários industriais e fabris, do movimento contraditório de qualificação e desqualificação já mencionados, temos um aumento de um contingente de trabalhadores assalariados bastante diversificado.

Temos sem dúvida um significativo aumento do contingente feminino no mundo do trabalho², bem como um crescimento de assalariados no setor de serviços, ou setor terciário³.

Mais que isto, a classe trabalhadora vivencia hoje um intenso aumento do trabalho informal, precário, temporário, subcontratado, “terceirizado”, etc.

Isto quer dizer que houve uma diminuição dos trabalhadores com emprego regular, fixo, com carteira assinada e um aumento daqueles que sobrevivem graças às várias formas informais de assalariamento. Este contingente pode ser englobado naquilo tem sido denominado dos “sem carteira”. Pode-se dizer que dobrou a proporção

⁽²⁾ Apenas a título de exemplo, apesar das diferenças nacionais, a presença feminina representa mais de 40% do total da força de trabalho em muitos países capitalistas avançados (Harvey e Freeman in Antunes, 1998:46).

⁽³⁾ Novamente só para exemplificar, na Itália, “contemporaneamente cresce a ocupação no setor terciário e no de serviços, que hoje ultrapassa 60% do total de ocupações” (Stuppini, in Antunes, 1999:47).

de empregados sem carteira na indústria, o mais formal dos setores da economia.

Os últimos dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostram que, se em 1990, dez a cada cem funcionários da indústria das seis principais regiões metropolitanas do país não estavam formalizados, hoje, para cada cem empregados há 20 “sem carteira”. Em dez anos-entre 1989 e 1998-, o número de trabalhadores formais caiu em 2,5 milhões, contra um aumento de 3,4 milhões de trabalhadores sem carteira e de 2,8 milhões de autônomos. Embora nem todos os autônomos sejam informais, o próprio IBGE considera pequena a participação dos legalizados entre os autônomos (Folha de São Paulo, página B1, 9 de outubro de 2000).

Apesar da heterogeneidade, “essas diversas categorias de trabalhadores têm em comum a precariedade do emprego e da remuneração; a desregulamentação das condições de trabalho em relação às normas legais vigentes ou acordadas e a conseqüente regressão dos direitos sociais, bem como a ausência de proteção e expressão sindicais, configurando uma tendência à individualização extrema da relação salarial” (Antunes, 1998:44).

Obviamente que o crescimento deste tipo de emprego não pode ser considerado uma boa notícia. Ao contrário, é um sintoma de que o desemprego continua alto. Afinal, o mercado informal, por ser movimentado pelos desempregados, está estreitamente ligado ao formal.

Em resumo, o que se quer enfatizar é que o mundo do trabalho hoje está muito mais complexo, heterogêneo e fragmentado. A classe que vive do trabalho compõe-se de um grande contingente diversificado de assalariados, mostrando dois tipos de alteração. Uma, de natureza quantitativa, visualizada na diminuição do operariado industrial fabril; outra, qualitativa, detectada pela mudança na própria forma de ser do trabalho, que de um lado impulsiona para uma maior qualificação e de outro para uma maior desqualificação.

Se o mundo do trabalho já está bastante modificado se pensarmos apenas no que vem acontecendo nas cidades, a realidade fica ainda mais complexa se acrescentarmos as alterações

que vêm ocorrendo na relações entre o rural e o urbano.

A grande questão a ser considerada aí é que não se pode mais pensar estes dois mundos como sendo separados como foram até a algum tempo. Campo e cidade, rural e urbano, agricultura e indústria, estão hoje intimamente ligados. Mas este é um assunto para uma outra conversa.

De qualquer forma, urbano ou rural., o desemprego é algo que não deve ser tomado como algo que devemos aceitar como natural, inevitável. Afinal, percebemos que ele é fruto de determinadas relações que os homens estabeleceram entre si. Neste sentido, estas relações vêm se alterando e podem continuar se alterando. Desta vez na direção de uma sociedade que desfrute de uma melhor qualidade de vida, onde o emprego é um componente importante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Ricardo – **Adeus ao Trabalho?: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do Trabalho**. São Paulo, Cortez editora, 1988
- GRAZIANO DA SILVA, J. **O Novo Rural Brasileiro**, Instituto de Economia, UNICAMP, 1999.

SUGESTÕES DE MATERIAIS DIDÁTICOS

Pesquisa em sites importantes sobre a questão do mundo do trabalho:

www.dieese.org.br/

www.seade.gov.br/

Ver Filme Tempos Modernos, C. Chaplin

ATIVIDADES PROPOSTAS PARA SEREM DESENVOLVIDAS EM SALA DE AULA

1. A partir da leitura do texto, apresente e discuta o significado do trabalho informal hoje.

